

AS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO E A SOCIOLOGIA ELEITORAL

De EVARISTO DE MORAES FILHO

CONSTITUI o sufrágio universal um índice objetivo e seguro para a observação política do cientista social. Dada a sua natureza, meramente quantitativa, em que tôdas as pessoas de uma determinada comunidade podem se manifestar, desde que saibam desenhar o próprio nome, nenhum outro inquérito estatístico alcança tamanho cociente de veracidade. Além disso, pelas circunstâncias psicológicas do voto secreto, não há a coação do respeito humano, da fiscalização de estranhos, depositando cada um a sua cédula segundo as suas idéias, os seus interesses, os seus preconceitos, os seus compromissos, a sua concepção do mundo e da vida. Pouco importa, já que os votos são contados unitariamente, como simples algarismos homogêneos, iguais, que se somam perfeitamente.

Por isso mesmo, há sempre surpresas nas eleições diante de resultados que vão muito além da expectativa, tanto de vencedores, quanto de vencidos. O Rio Grande do Sul foi um exemplo de aula. Quem seria capaz de prever a derrota dos candidatos trabalhistas em sua própria terra, regada natural e artificialmente pelas lágrimas de certa parcela do povo e das carpideiras partidárias? As apostas sobre os prognósticos eram feitas na base de 1 para 1000; a favor dos adeptos do ex-Presidente contra os candidatos da coligação. Mas os resultados aí estão: maciços, serenos, estáveis, objetivos como um fato natural capaz de ser analisado cientificamente.

Depois de muito andar perdida por entre problemas inúteis, de alta e baixa filosofia social, voltou-se a ciência política do após-guerra para os estudos da chamada sociologia eleitoral. Tão recente é a sua constituição que ainda nem aparece registrada no *Dictionary of Sociology*, de Henry Fairchild, datado de 1944. Pelo voto manifesta o eleitorado conscientemente a sua vontade, exteriorizando de maneira expressa os seus sentimentos e pensamentos político-sociais. Mas o homem não é um animal isolado, solitário e isento; pelo contrário, encontra-se cercado de seus semelhantes por todos os lados, desempenhando um determinado papel na sua comunidade, com *status* social bem claro, exercendo uma ocupação remunerada, pertencendo a uma família, a um grupo profissional, recreativo, de vizinhança, político ou religioso. Frequenta cinemas, teatros, reuniões sociais, aí incluídas as de seus grupos de atividade, ouve rádio, assiste televisão, lê jornais, conversa, discute, sofre influência alheia e, por sua vez, reage contra o seu interlocutor, em resumo, vive **funcionalmente** mergulhado num todo social mais amplo, que o envolve por todos os lados. Mas o voto é individual, cada um o deposita isoladamente, na cabina indevassável, a sós consigo mesmo e com os seus "botões". Ao ingressar, porém, na cabina, não é mais possível ao eleitor desprender-se de todo êsse conteúdo de sua alma, que constitui, afinal de contas, a sua própria personalidade. Se a esvaziarem de tudo isso, marchará como um balão furado ou como um peru sem recheio.

E outro não é o objeto da sociologia eleitoral, senão o estudar detidamente, com critérios interpretativos e estatísticos o entrecruzamento de todos os fatores que podem influir na vontade do eleitor. Como manifestação de vontade que é, balanceia-se o voto entre vários móveis possíveis de conduta: ideológico, religioso, familiar, partidário, geográfico, e assim por diante. Entre nós, é muito conhecido e esmiuçado o fenômeno eleitoral do chamado **coronelismo** político, que nada mais é do que o voto de cabresto, através do contróle direto e da chefia nas pequenas localidades fechadas e isoladas do interior brasileiro. Dada a limitação do campo de observação, com poucos personagens e pequeno número de fatores atuantes, torna-se fácil o estudo em comunidades restritas e isoladas, como é o caso do nosso coronelismo.

A dificuldade aumenta quando se trata de transportar êsses métodos de pesquisa para o meio urbano, muito mais estratificado, amplo e confuso. Confessam, por exemplo, François Goguel e Georges Dupeux, dois dos maiores especialistas franceses sobre o assunto: "Seria prematuro pretender concluir, dos estudos atualmente existentes sobre a sociologia eleitoral das diversas regiões francesas, leis gerais no que concernem ou à determinação das opiniões políticas pelos fa-

tores permanentes — de ordem geográfica, histórica e social — que parecem agir sobre elas, ou mesmo, fora de qualquer hipótese de casualidade, as correlações constantes entre fatores da estrutura social e fenômenos de opinião expressas pelo voto".

Os estudos ainda são fragmentários, necessitando de maior número de pesquisas especiais e de períodos mais longos de observação. Se isso pode ser dito da França, que vem praticando a democracia há mais de um século, que dizer-se do Brasil, recém-saído da ditadura estado-novista? Pouco importa, já que o material aí está, demonstrando, antes de mais nada, que a diferenciação social entre campo e cidade ainda é bem nítida entre nós, apesar de todos os meios modernos de propaganda. Os ideais e os candidatos rurais não foram os mesmos dos centros urbanos. Mais uma vez opuseram-se os dois mundos; e foi exatamente por subestimar êste fato que perderam os favoritos em muitas cidades da Federação.